

Arquivos, memórias da cidade, historiografias da arquitetura e do urbanismo

ANA CLAUDIA VEIGA DE CASTRO
JOANA MELLO DE CARVALHO E SILVA
EDUARDO AUGUSTO COSTA
[ORGS.]

**Arquivos,
memórias da cidade,
historiografias da
arquitetura e do
urbanismo**



Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Ao pé das muralhas de Tróia que o viram, desvairado, fugir de Aquiles, Heitor está agora parado. Ele sabe que vai morrer. Atena o enganou; todos os deuses o abandonaram. O destino de morte (*moira*) já se apoderou dele. Mas, se já não pode vencer e sobreviver, depende dele cumprir o que exige, a seus olhos como aos de seus pares, sua condição de guerreiro: transformar sua morte em glória imperecível, fazer do lote comum a todas as criaturas sujeitas ao traspasso um bem que lhe seja próprio e cujo brilho seja eternamente seu. “Não, eu não pretendo morrer sem luta e sem glória (*akleïôs*) como também sem algum feito cuja narrativa chegue aos homens por vir (*essoménoisi puthesthai*)”.

Jean Pierre Vernant, *La belle mort et le cadavre outragé* (Trecho da conferência realizada na Universidade de São Paulo em 1977, traduzida por Elisa Kossovitch e João Adolpho Hansen).

Este livro é dedicado à memória do professor Maíque (Mario Henrique Simão D’Agostino), idealizador da Coleção Caramelo.

Arquivos, memórias da cidade, historiografias da arquitetura e do urbanismo. / organização de Ana Cláudia Veiga de Castro, Joana Mello de Carvalho e Silva, Eduardo Augusto Costa -- São Paulo : FAUUSP, 2021. (Coleção Caramelo) 280 p.
ISBN: 978-65-89514-09-1 (livro eletrônico)
ISBN: 978-65-89514-07-7 (livro impresso)
DOI: 10.11606/9786589514091

1. Arquivos
2. Cidades (História) - São Paulo, SP
3. Arquitetura (Historiografia) – São Paulo, SP
4. Desenho Arquitetônico (Conservação; Restauração)

I. Castro, Ana Cláudia Veiga de, org.
II. Silva, Joana Mello de Carvalho e, org.
III. Costa, Eduardo Augusto
IV. Título. V. Coleção Caramelo.

CDD 025.2

Serviço Técnico de Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons BY-NC-SA.

Arquivos, memórias da cidade, historiografias da arquitetura e do urbanismo

ANA CLAUDIA VEIGA DE CASTRO
JOANA MELLO DE CARVALHO E SILVA
EDUARDO AUGUSTO COSTA
[ORGS.]



doi 10.11606/9786589514091

SUMÁRIO

Indagar, organizar, conservar

6 Apresentação

8 Prefácio

Arquivos em movimento
ou meditações sobre lugares
e lares da memória

MARGARETH DA SILVA PEREIRA

20 Diálogos cruzados: guardar, narrar e viver

ANA CLAUDIA VEIGA DE CASTRO
JOANA MELLO DE CARVALHO E SILVA
EDUARDO AUGUSTO COSTA

38 Arquivos municipais: repositórios de fontes para a pesquisa no campo da arquitetura e do urbanismo

KARLA MAESTRINI

54 Um bairro italiano em São Paulo: arquivos e fontes para uma história do Bixiga

ANA LUCIA DUARTE LANNA

68 A seção técnica de materiais iconográficos da biblioteca da FAUUSP: origem e história

ELIANA DE AZEVEDO MARQUES

84 Samuel das Neves: uma possível biografia profissional

ANA PAULA NASCIMENTO

108 Cem anos de Ramos de Azevedo – Severo & Villares: acervo documental e legado arquitetônico-urbanístico

BEATRIZ PICCOLOTTO SIQUEIRA BUENO

Narrar, ensinar, difundir

130 O estudo da arquitetura colonial brasileira: sua inserção no curso de arquitetura da Escola Politécnica de São Paulo
MARIA LUCIA BRESSAN PINHEIRO

150 Acervos, histórias e arquiteturas: notas sobre ensino e pesquisa
JOSÉ TAVARES CORREIA DE LIRA
JONAS DELECAVE
VICTOR PRÓSPERO
JOÃO FIAMMENGHI

172 Acervo Iconográfico da FAUUSP: desafios e perspectivas
GISELE FERREIRA DE BRITO

182 Euforia e pragmatismo: utilizando arquivos arquitetônicos
ANDRÉ TAVARES

Coletar, gerir, dialogar

196 Acervos em diálogo: desafios contemporâneos do Museu Paulista da USP
SOLANGE FERRAZ DE LIMA

212 Historiografia da arte no MAC USP: obras de arte, arquivo e biblioteca
LAUCI BORTOLUCI QUINTANA

228 Das memórias conservadoras aos arquivos corrompidos: visualidades e formas de luta na contemporaneidade
GISELE BEIGUELMAN

246 Sítios de consciência: história, trabalho em rede, arquivos
RENATO CYMBALISTA

266 Os autores

Historiografia da Arte no MAC USP: obras de arte, arquivo e biblioteca

LAUCI BORTOLUCI QUINTANA

O Museu de Arte Contemporânea (MAC USP) teve em 2012 a edição de seu novo regimento (Portaria 6439), que dispôs que o acervo do museu é composto por três coleções: obras de arte, arquivo e biblioteca. Em 2018, o plano museológico e acadêmico, na mesma linha, sistematizou seus três acervos, (artes visuais, bibliográfico e arquivístico) como participantes da formação do acervo. Desde sua fundação, em 1963, o MAC USP assumiu perfil universitário, enquanto museu de arte moderna e contemporânea, o que significa ter como base de suas atividades a pesquisa acadêmica e a formação educacional no campo da arte moderna e contemporânea. O grande diferencial do museu é a fundamentação de sua atuação técnica na pesquisa e ensino, o que ocorre, por exemplo, nos laboratórios de restauro, no setor de documentação e catalogação, no arquivo histórico e no Setor Educativo¹.

O propósito desse seminário, pela FAUUSP, é de articular tópicos de discussão em torno de acervos, arquivos e coleções, e discutir a salvaguarda dos documentos na sua relação, tanto com a pesquisa quanto com a prática profissional no campo da arquitetura e do urbanismo. O intento traz-nos à pergunta central de questionamentos que tentam elencar preservação dos documentos, lugar dos acervos, sobre o estatuto das fontes e do acesso ao conhecimento. Como fazer pesquisa, contribuindo para a renovação historiográfica e a salvaguarda dos documentos?

O objetivo deste texto, baseado na apresentação ocorrida, será uma reflexão sobre a estrutura de informação do MAC USP, a partir de dois dos pilares constitutivos de seu acervo, a biblioteca e o arquivo, para identificarmos abordagens relacionadas à pesquisa em artes.

Historiografia da Arte no MAC USP

Bibliotecas de artista: Rossi Osir, Mario Zanini

O MAC USP foi fundado em 1963, e sua biblioteca também foi iniciada no mesmo ano, com a aquisição da biblioteca de Paulo Rossi Osir (1890-1959). Não obstante Paulo Rossi ter vivido muito tem-

po no Brasil, a arte italiana constitui a maior parte do acervo de sua biblioteca. A coleção bibliográfica em questão sublinha que a cultura adquirida na Europa deixa uma presença marcante nos estudos de Rossi pela história da arte. O artista conseguiu o intento de reunir em sua biblioteca os principais livros de seu tempo de atuação e trabalho pela classe artística brasileira. Sua cultura e sua capacidade de empatia foram as ferramentas que o permitiram circular entre os meios diferenciados da classe artística paulista. Sua biblioteca acompanha a sedimentação de uma personalidade artística, e reflete temas ligados à estética e à história da arte. Cada aquisição era pensada pelo seu conteúdo e, aliado ao objetivo de formar sua biblioteca, há também seu intento em adquirir obras raras.

A biblioteca permite entrever as bases fundantes do artista que foi Paulo Rossi Osir, bem como as fontes bibliográficas que fundamentaram seu pensamento e fazer artístico. Seu conteúdo abarcou consideravelmente as questões italianas artísticas contemporâneas, captadas por sua sensibilidade humanista e foi fundamental para a circulação dessas ideias entre os artistas paulistas.

A biblioteca de Mario Zanini é composta por 226 unidades, com livros relacionados a técnicas de pintura, escultura, gravura, textos a respeito de artistas, abrangendo desde Leonardo da Vinci a artistas impressionistas e pós-impressionistas, incluindo ainda artistas latino-americanos e muralistas. Essa coleção foi doada em 1976, juntamente com a doação de obras de arte.

Ao observarmos o conteúdo da biblioteca nos livros editados entre 1955 e 1959, nota-se que a construção histórica de apreensão de conhecimento literário delineia um princípio norteador de conceitos relacionados tanto a artistas emblemáticos, como Pablo Picasso e Vincent Van Gogh, quanto a artistas pós-modernos da Bélgica, Holanda e Suíça, que possuem notado destaque à forma geométrica. Estes estão na biblioteca representados pelos livros editados pela De Sikkel.

Dos conteúdos de sua coleção de livros compreende-se a ênfase de Zanini numa forma plástica organizada e geometrizzante,

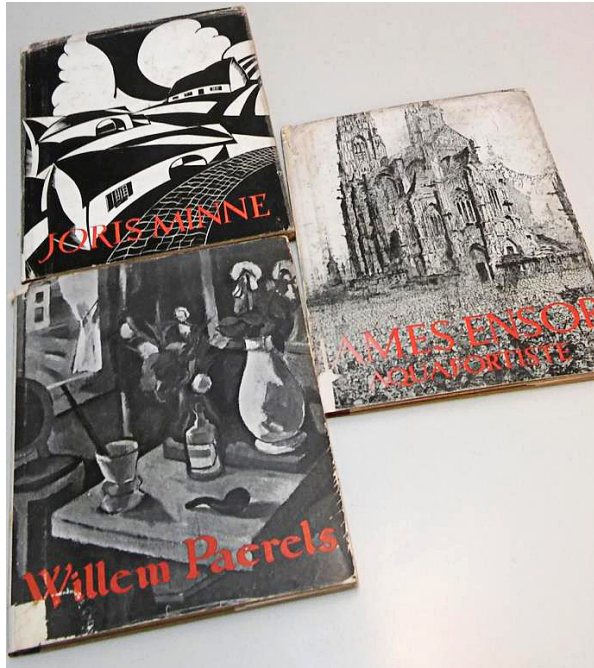


FIGURA 1
Livros editados
pela De Sikkel.

em detrimento da temática que se apresentava primordialmente na década de 1940, na qual o artista trabalhou intensamente as questões socioeconômicas que a nova sociedade urbana paulista começara a enfrentar.

O legado de Mario Zanini tem maior peso em sua expressão paisagística. No entanto, além de considerar-se o alcance de sua produção, é primordial pontuar a importância de sua biblioteca. Interessada pela realidade ao seu redor e pelo momento presente, a arte de Zanini adquiriu valor de testemunho das ideias e da paisagem de seu tempo, deixando uma herança decididamente moderna, ancorada no quadro de uma preocupação estética, permeada pela valorização da nacionalidade, principalmente entre as décadas de 1920 e 1930. A paisagem paulista observada por um pintor de origem humilde e descendente de imigrantes se constitui em um importante viés de atuação da vida artística e de todo momento histórico.

A biblioteca é composta por títulos que indicam uma nova posição artística e autônoma em relação à arte acadêmica do século XIX, sendo pensada e construída por um artista com a percepção de recriar paisagens urbanas e suburbanas, em conjunto com o interesse pela vida cotidiana das populações que viviam na periferia da cidade grande.

A trajetória de Mario Zanini pode ser definida em relação ao desenvolvimento de suas potencialidades criativas gradualmente conquistadas através de um esforço artístico e intelectual. Seu mérito foi descortinar uma poética moderna da paisagem paulistana sempre atribuindo importância ao embasamento teórico de sua obra e ao trabalho constante, na conquista de uma linguagem figurativa pessoal. Zanini foi o exemplo de artista que, enraizado numa tradição artesanal oriunda de suas obras plásticas no Grupo Santa Helena, acompanhou os caminhos da arte na direção do domínio formal e intelectual ainda que tenha optado pelo isolamento e recolhimento em seus últimos anos de vida. Em seus últimos trabalhos existe o resultado deste gesto consciente de retorno, irreversível, à sua origem e suas obras figurativas.

Essas bibliotecas, formadas por diferentes motivações, se complementam, uma vez que Mario Zanini possuiu uma tônica marcante em relação ao fortalecimento de uma posição autônoma em relação à arte do que Rossi Osir, que apresentava uma visão mais tradicionalista para a pintura. Esses artistas entendiam que as soluções para seus questionamentos podiam ser respondidas por um processo que aliava estudos e pesquisas sobre diferentes conceitos associados à própria realização de sua produção plástica. Desse modo, a pesquisa pictórica se realizava concomitantemente com a própria produção artística.

Mario Zanini foi igualmente um pintor que aderiu aos ensinamentos de Paul Cézanne. Para o crítico de arte Walter Zanini², a assimilação da poética impressionista era um fato recorrente na década de 1940 em São Paulo entre os artistas santelenistas, e que Mario Zanini, principalmente, irá reter a assimilação das lições coletadas na solução de seus espaços. Mario Zanini, assim como o

pintor francês, realizava pinturas ao ar livre. O livro de autoria de Jourdain, intitulado *Cézanne*, foi um ensinamento norteador para Mario Zanini, que coletou pontos característicos das obras. Entre eles, a construção artística da paisagem enquanto objeto de estudo, aspecto que se reflete tanto na correlação das formas como na percepção da totalidade.

As duas bibliotecas evidenciam que os artistas produziram sua obra plástica em relação intrínseca com a escolha de cada título que iria fazer parte dessas bibliotecas. Títulos esses que hoje se colocam como fontes de análise para o entendimento do processo das artes plásticas no Brasil, e colocam a biblioteca MAC USP, que os abriga, em estreita relação com a construção do processo da modernidade. A Biblioteca MAC USP, atualmente, não somente abriga essas duas coleções aqui tratadas. Em 2018, recebeu a biblioteca do crítico de arte Walter Zanini, primeiro diretor do Museu, entre 1963 a 1978. A doação da biblioteca, com cerca de 12 mil itens, vem somar a Família Zanini com duas coleções doadas num período de tempo de cerca de 50 anos. Esse fato faz com que a biblioteca MAC USP seja entendida atualmente como a biblioteca com as fontes primárias fundantes do pensamento moderno nas artes plásticas brasileira, caracterizando-se em centro referencial de estudos da área.

Coleção de livros de artista

O MAC USP é considerado um espaço de experimentação nas artes plásticas e visuais brasileira e internacional. Sua biblioteca também trabalha na disseminação de novas ideias, fazendo com que esse conceito de experimentação tome forma documental.

Iniciar novas coleções que surgem no cenário artístico, faz-se como nova empreitada de atuação. Os livros de artista do MAC USP foram catalogados como obras de arte, caso tivessem sido originados de exposições, corroborando o “valor de exibição” como fato norteador de sua inserção no acervo. Já outros trabalhos semelhantes, uma vez que não tivessem esse mesmo princípio de origem, ou seja, não tivessem sido participantes de exposições, não seriam então catalogados como obras, permanecendo num limbo de “não lugar”. Esse conceito de não lugar de Marc Augé

(1994) é utilizado aqui exatamente pela falta desse lugar filosófico e conceitual. Assim, o que se assistiu é que os materiais foram depositados na biblioteca sem qualquer princípio de formação de coleção. Isso não foi prerrogativa do MAC USP, mas da situação desse material nos museus e do desconhecimento de como se trataria esses materiais tão estranhos ao mundo bibliotecário.

A busca de um “lugar” para a coleção de publicação de artista, retirando-a desse limbo conceitual, nos coloca na posição de fomentar a práxis que corrobore a teoria até então esquematizada.

A conceituação e titulação dos livros de artista é parte de um todo maior nos quais estão incluídas todas as publicações de artista. Esse termo, por sua vez, não faz referência somente ao suporte livro, mas sim ao suporte impresso e seu caráter múltiplo e distributivo, presumindo uma edição, tiragem e circulação. Essas publicações são as circuladoras das novas poéticas dos novos artistas. Essas novas noções ou estruturas de pensamento são atualizadas por produções de tiragens múltiplas, possibilitando ao trabalho artístico uma porosidade em relação ao seu caráter institucional e geográfico. Receber esses novos formatos constitui-se no ponto crucial para o sucesso da disseminação desta informação. Geralmente, essas produções se configuram em meio impresso, com tiragens limitadas, através das artes gráficas, imagens ou textos. Projetos artísticos utilizam-se desses novos formatos, configurando-os em novos trâmites de edição, publicação, distribuição e circulação. Interessante observar que nem todas as publicações de artistas possuem o formato tradicional de livro. O meio impresso (xerox, laser, serigrafia, selos, cartões postais, gravuras, folhetos, adesivos, cartas, cédulas, cartazes, jogos, mapas) também se presta às dimensões interdisciplinares da publicação, ou seja, meios em geral, sonoros e midiáticos, inclusive, que se colocam como veículo das poéticas dos artistas na disseminação de sua obra, seu projeto artístico. O conceito de raridade do trabalho vem também para questionar o caráter da obra e sua circulação, quebrando paradigmas até então estáticos da obra de arte. Entender e catalogar esses novos formatos constitui-se no ponto crucial para o sucesso da disseminação da informação.

Importante notar que o início de uma coleção e seu tratamento, em especial uma coleção com esse caráter conceitual, vem corroborada pelo trabalho de um curador que avalize sua pertinência na coleção. Neste trabalho, além de demonstrar o esquema de inserção e início de uma nova coleção, é importante ressaltar que o trabalho do curador da coleção traz à tona a práxis pensada e teorizada sobre a questão do lugar da arte conceitual tanto nos museus quanto nas bibliotecas.

A coleção de livros de artista e o tratamento documental que exige não se esgotam nos trâmites técnicos da catalogação. Dialeticamente como o próprio material que é tratado, as técnicas podem ser modificadas para a busca de uma nova identidade documentária. O trabalho técnico não se encerra em esquemas para resolução do tratamento da coleção, mas como a própria coleção, tem que ser dinâmico e flexível, e ser capaz de mostrar que é possível mudarmos as estruturas que estão dispostas, para que o acesso aberto possa ser efetivado.

Biblioteca e Arquivo Walter Zanini

A biblioteca de Walter Zanini, diretor do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo entre 1963 e 1978, foi transferida por doação ao MAC USP. A coleção foi apresentada em maio de 2013, pela Família Zanini, a fim de iniciar o processo administrativo da vinda definitiva dessa biblioteca particular ao Museu, cuja finalização efetivou-se em 27 de agosto de 2018.

O acervo contempla itens especializados em história da arte geral, moderna e contemporânea, e a aquisição dos volumes e a constituição da biblioteca aconteceram durante vários anos de pesquisas, atividades de ensino e de docência de Walter Zanini. O acervo recebido possui cerca de 10 mil livros e uma coleção de periódicos, magnéticos (DVD e fitas de vídeo cassete), catálogos de artistas de acervo do MAC USP, catálogos da Bienal de São Paulo e de Veneza e catálogos de exposições coletivas. A biblioteca será parte do acervo bibliográfico do MAC USP, juntamente com o atual acervo que hoje se encontra disponível ao público. O valor crítico-

co desta nova incorporação é inestimável, por ter sido compilada, organizada e constituída por Zanini, a coleção traz em seu bojo o mérito de sua formação intelectual e se constitui em um legítimo indicador social de seus estudos e de seus interesses pelas décadas de edição das obras literárias. Nesta doação encontramos livros de história da arte, filosofia, pintura, sociologia da arte europeia e americana, monografias de artistas modernos e contemporâneos, escritos de intelectuais europeus e americanos e coleções de periódicos. Estas obras, além de terem sido adquiridas e anotadas por Walter Zanini, terão o mérito de completar as coleções uspianas. A incorporação desse acervo evita a dispersão desta biblioteca, com seu conhecimento sendo disponibilizado no local onde o patrono não somente exerceu a docência, mas também a direção. As obras sobre história da arte, arte moderna e arte contemporânea serão responsáveis por futuramente concretizar diversas pesquisas e análises sobre as ciências humanas, sobre as artes plásticas e sobre o próprio Brasil.

A biblioteca identifica importantes títulos como *Rewriting Conceptual Art*, *Signal Video*, *Presence Polonaise*, *Les Realisms*, *Futuriste Italiane*, *Supports/Surfaces*, *The Great Utopia* e *Fluxus*. A biblioteca abarca também artistas como Henri Matisse, Constant Permeke, Simon Vouet, Marcel Duchamp, além de críticos e filósofos como Ferreira Gullar, Theodor Adorno e Lucy Lippard. Esses exemplos nos trazem a importância e a postura crítica da composição da biblioteca. Segundo Cristina Freire,

[...] o que privilegia nesta doação, além do acervo de livros e documentos, são princípios éticos próprios de uma economia de reciprocidades e dádivas. Num tempo em que o sentido do público perde para os interesses individuais e de mercado dominantes o que essa doação testemunha é mais um gesto de Zanini para a construção do MAC USP. Com essa doação exalta-se a gratuidade, a generosidade, a sabedoria, a diversidade, o respeito ao conhecimento como estímulo e exemplo de valores contra-hegemônicos à ordem das coisas e do mundo atualmente (FREIRE, 2018).



FIGURA 2
Biblioteca
Walter Zanini
– MAC USP.



FIGURA 3
Arquivo Zanini – MAC USP.

A doação da biblioteca também contempla a incorporação de arquivo com anotações pessoais manuscritas em papel de seda, compondo um rico acervo de documentação, proporcionando análises e estudos acerca da importante produção intelectual deste historiador e crítico de arte. Este arquivo documental está relacionado a pesquisas acadêmicas de Walter Zanini, e é composto por um conjunto de documentos, pastas, caixas, fotografias, cartões, vídeos, cartazes e pôsteres.

Os assuntos arte postal (*mail art*) e vídeo arte estão presentes em conjunto de documentos por ter sido um assunto relevante na pesquisa de Walter Zanini. Os documentos deste rol traduzem-se em materiais desde 1960 sobre arte postal de artistas até os anos 1980, tanto brasileiros quanto internacionais. O tipo de documentação caracteriza-se pelo formato cartão postal, catálogos, convites, comunicações. O arquivo pessoal traz documentos sobre os estudos

relacionados a Vicente do Rego Monteiro, programas de disciplinas e diversas comunicações acadêmicas.

O conjunto desta biblioteca e arquivo será um capítulo à parte deste museu que os acolheu, elegendo temas nacionais e internacionais que serão analisados e discutidos por todos os que se interessam pela trajetória da história da arte.

Arquivo MAC USP

A missão do arquivo é organizar, preservar e divulgar a documentação resultante das atividades meio e fim da instituição, como também os arquivos e coleções privadas que se encontram sob sua responsabilidade. O acervo arquivístico é constituído por documentos textuais, iconográficos, sonoros e audiovisuais, boletins informativos, dossiês, catálogos e cartazes de exposições realizadas pelo museu, além de documentos administrativos históricos. As fotografias das exposições constituem uma importante fonte de pesquisa do acervo arquivístico e integram os dossiês das exposições, com informações pertinentes a cada evento em si. É uma documentação que vem despertando cada vez mais interesse dos pesquisadores.

MAC USP e a cooperação para pesquisa

Os dois *locus* informacionais do museu trabalham juntos na resposta às demandas de pesquisa dos artistas, dos docentes, dos alunos, dos curadores e pesquisadores em geral. A coleção de livros de artistas é um exemplo de como a estrutura institucional precisa ser flexível e se adaptar para o recebimento de um tipo de material, até então não previsto nos trâmites estruturais canônicos de tratamento da informação. A informação arquivística e bibliográfica se complementam enquanto memória institucional abrindo-se a novos modelos de acesso e de atendimento ao pesquisador. O arquivo e a biblioteca MAC USP unem-se para dar suporte às pesquisas dos docentes do museu, cujos resultados serão expressos no tripé de atuação na graduação, pós-graduação e extensão cultural.

A informação produzida no MAC USP é, por excelência, resultado da cooperação entre vários agentes. A Biblioteca Walter Zanini apresenta potencial para o estabelecimento de novos paradigmas no tratamento de coleções bibliográficas e arquivísticas no museu, dada a sua relação intrínseca com a origem da instituição e sua história inicial. A atuação de pesquisadores de pós-graduação junto à Biblioteca Zanini será de valia não só para a compreensão do legado desse importante historiador da arte, mas também para o trabalho de catalogação dos documentos por parte do museu, permitindo uma via de mão dupla na produção de conhecimento. A catalogação e documentação de um acervo, seja ele artístico, bibliográfico ou arquivístico, não é uma atividade meramente técnica. Somente através da colaboração de profissionais de diversas especialidades é possível atender à complexidade dos documentos e das demandas da pesquisa na contemporaneidade.

O conhecimento científico produzido no MAC USP, um museu público e universitário, que tem em sua premissa o próprio conhecimento universitário gerado como insumo para processos de gestão, é resultado de efetivas instâncias de pesquisa em ação. A informação resultante dessa operação é a matéria prima com a qual se pensa em modelos de gestão da informação. Segundo Leite e Costa:

Os processos de gestão do conhecimento científico no contexto de uma comunidade acadêmica, mesmo que tenham por objetivo oferecer suporte, potencializar e tornar mais eficientes as atividades de pesquisa e ensino na instituição, bem como a integração entre elas – e por consequência o estímulo à criação de novos conhecimentos –, sofrem influência externa das comunidades científicas. Por essa e outras razões, a identificação, a aquisição, a organização/armazenagem e, sobretudo, o compartilhamento e a criação do conhecimento científico, como processos de gestão do conhecimento no contexto de uma universidade, não podem desprezar a interferência de várias lateralidades, tanto internas quanto externas, de caráter cultural, tecnológico ou social. Dessa maneira, uma instituição acadêmica não

pode fechar-se em si, pois está inserida em um complexo sistema científico, no qual a influência mais direta e imediata, no que diz respeito aos fenômenos relacionados com o conhecimento, provém das comunidades científicas. Por fim, entende-se por gestão do conhecimento científico o planejamento e o controle de ações (políticas, mecanismos, ferramentas, estratégias, entre outras) que governam o fluxo do conhecimento científico em sua vertente tácita e explícita, tendo como substratos os processos de comunicação científica, com o fim de apoiar e maximizar a criação de novos conhecimentos e o ensino (LEITE & COSTA, 2018, p. 332-333).

Como os autores, temos em mente que o compartilhamento e a cooperação são fatores para a criação do conhecimento científico. Assim, a informação arquivística e a bibliográfica se complementam abrindo possibilidades de novas sínteses afirmativas, além de, em complementariedade, ser capazes de prover novos modelos de acessos e de satisfação do pesquisador. O arquivo e a biblioteca unem-se para formar um *locus* de insumo de informação para pesquisas, cujos resultados serão expressos no tripé de atuação da graduação, da pós e da extensão cultural.

A historiografia, que tem como insumo a arte, está em construção e não tem formas fechadas e definidas. Os historiadores e filósofos da arte têm feito revisões epistemológicas com o fim de buscar soluções diante da complexidade e das interrogações que as práticas contemporâneas colocam (KERN, 2004). Esse processo nos mostra que é possível que processos de gestão da informação também possam sofrer revisões. A cooperação entre sistemas de gestão da informação, seja de acervo visual, arquivístico ou bibliográficos, deve se constituir num só objetivo institucional, que em última instância deve privilegiar o acesso aberto da informação gerada. É nesse sentido que os estudos, as reflexões teóricas e as metodologias têm sido retomadas, mostrando-nos que o acesso aberto é condição para a extroversão de acervos públicos.

Considerações finais

A pergunta que foi colocada no início com relação a fazer pesquisa e contribuir com a salvaguarda do documento, pode encontrar resposta no papel desempenhado por bibliotecas, arquivos e centros de documentação na medida em que propõem políticas para extroversão e difusão de seu acervo em formato digital.

Isso nos remete aos vários suportes de hardware que já tiveram uso no tempo passado, cujos conteúdos não foram mais acessados devido a diversos tipos de mídia que foram empregadas como suporte para guarda das informações, e que atualmente são considerados obsoletos.

O MAC USP privilegia a difusão e extroversão da informação, através de portais de acesso aberto, na medida em que digitaliza a produção docente, disponibilizando a íntegra no repositório acadêmico. A disseminação da produção intelectual, gerada em seus vários suportes, viabiliza que repositórios institucionais podem ser tratados como ferramentas adequadas para a gestão do conhecimento científico, para a salvaguarda do processo da memória institucional, potencializando o compartilhamento, a disseminação e o uso do conhecimento científico.

Notas

¹ Universidade de São Paulo. Museu de Arte Contemporânea. *Plano Museológico do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo*. São Paulo, 2018. Disponível em: http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/institucional/documentos/PM_mac_usp.pdf. Acesso em: 05 out. 2020.

² ZANINI, 1976.

Fontes das imagens

FIGURA 1 Acervo MAC USP. Fotografia da Autora

FIGURA 2 Fotografia da Autora

FIGURA 3 Arquivo Zanini – MAC USP. Fotografia da Autora

Referências bibliográficas

AUGÉ, Marc. *Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994.

FREIRE, Cristina. Biblioteca Walter Zanini: um Legado Vivo. In: *Biblioteca Walter Zanini*. São Paulo: MAC USP, 2018.

KERN, Maria Lucia Bastos. Historiografia da Arte: Revisão e Reflexões Face à Arte Contemporânea. In: *Colóquio Brasileiro Da História Da Arte*, 24., 2004, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Comitê Brasileiro da História da Arte, 2004. Disponível em: http://www.cbha.art.br/coloquios/2004/anais/textos/75_maria_lucia_kern.pdf. Acesso em: 05 out. 2020.

LEITE, Fernando C. L.; COSTA, Sely M. de S. Gestão do Conhecimento Científico: Proposta de um Modelo Conceitual com Base em Processos de Comunicação Científica. In: LEITE, Fernando C. L.; COSTA, Sely M. de S.; TAVARES, Rosemeire B. (orgs.). *Comunicação da Informação, Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento*. Brasília: IBICT, 2018. p. 315-335.

ZANINI, Walter. *Mario Zanini (1907-1971)*. São Paulo: MAC USP, 1976. Catálogo de exposição.